

28 de julho de 2022 nº 6

Tatuí, SP

jornal

BULI

 CONSERVATÓRIO DE TATUI





Sumário

No frescor da hora	3	Aqueles homens sem plumas <i>Tadeu Renato</i>
Crônica do dia seguinte	6	isso ainda diz pouco sobre hoje <i>Giovanna Eça Gonçalves</i>
	8	Olhar para germinar o que está em constante devir <i>Binho Signorelli</i>
Ainda reverbera	10	Teatro vivo <i>Lucas Benedetti Elias</i>
	11	Viagem no tempo com a Cia. Entulho e o grupo Pra quê? <i>Ana Laura Alvarez</i>
	13	O que pode um corpo? <i>Arielle Barbosa</i>
Expediente	15	

no frescor da hora

Aqueles homens sem plumas

Tadeu Renato

apreciação do espetáculo *Estudo nº1 Morte e Vida a partir do painel* conduzido pelo VQV - Lígia Helena de Almeida e Thais Póvoa

O pernambucano João Cabral de Melo Neto publicou o poema dramático *Morte e Vida Severina* em 1955, um trabalho que apresenta a trajetória de Severino, retirante que deixa sua terra por conta da seca. A primeira montagem aconteceu ainda nessa década, no entanto foi a encenação de 1965, com direção de Roberto Freire e musicada pelo então desconhecido Chico Buarque, que o poema ganhou fama, com o espetáculo sendo premiado no Festival Universitário de Nancy, na França. Há também versões para a TV, para animação e quadrinhos. É um dos textos mais conhecidos do autor, contando ainda hoje com diversas montagens. Partir de um poema dramático tão conhecido e consagrado é um risco, pois pode não apresentar nenhuma novidade ao que já foi feito ou reverenciar em demasia as palavras poéticas, criando um espetáculo seco e dolorido. Não é o caso de *Estudo nº1 - Morte e Vida*, trabalho produzido pelo Magiluth, grupo com sede em Recife e que vem há dezoito anos criando seus projetos. O espetáculo nasceu há apenas seis meses e tem gerado muitos textos críticos e muitos silêncios de espanto. O grupo escolhe o procedimento da palestra-performance - que vem sendo pesquisado por uma vastidão de artistas, com resultados nem sempre interessantes - para sua releitura. Em parceria com os diretores convidados Luiz Fernando Marques e Rodrigo Mercadante, o Magiluth sabe desse excesso de peças com o mesmo procedimento, uma forma comum do teatro contemporâneo e que está sempre em vias de virar uma fórmula. Ao ser consciente disso, o grupo constrói uma peça que ironiza este fazer, entrega os signos que utiliza, ri do fato de estarem repetindo essa configuração.

no frescor da hora

Microfones, relação com a materialidade dos objetos, projeção, estão lá os elementos que aparecem em dezenas de processos criativos, muitas vezes apenas com um desejo pouco aprofundado em lidar com esse aparato. *Estudo nº 1* nos mostra uma profusão de referências, cita Rousseau, fala de aspectos históricos do país (como a Lei de Terras de 1850), coloca em sobreposição paternidades não-assumidas, Michael Jackson, canaviais, Caboclo de Lança do Maracatu, outros poemas de Cabral, greve de operários, documentários brasileiros e o esgotamento dos corpos diante de uma sociedade cada vez mais exploratória, que vende sonhos com aparência de empreendedorismo. É uma peça de excesso, de exaustão da visão que nos coloca em ponderação sobre o que fazer com tanto excedente, tantos estímulos, tanta informação. Para narrar a trajetória de um retirante que deixa sua terra, o grupo constrói uma dramaturgia que estabelece pontes entre futuro e passado, contando dos nordestinos que fugiram da seca em meados do século XX, como também da imensa massa de refugiados que deixam seus países por motivo de guerras ou mudanças climáticas. Não se trata mais de um personagem dando a voz a um tipo social: o que temos agora são coros, sombras, performers que se colocam em cena observando a paisagem e as pessoas à beira do rio Capibaribe – como no poema original – comentando de modo crítico o que veem. O rio é o Capibaribe, bem como o mar Mediterrâneo e a água que constitui nossos corpos. É o rio poluído pela indústria do jeans que sustenta a economia de uma cidade inteira. A narrativa flui feito um rio, cada movimento saindo de dentro do anterior não por relação de causa e efeito, mas pelo bater das águas nas pedras, causando deslocamentos. O tempo se mostra nas ações e nas escolhas dos verbos, jogando entre passado, presente e futuro. Todo o processo está colocado em evidência, feito uma fórmula matemática: as cenas se explicam, vemos como nascem e morrem, percebemos a busca por uma peça que está sempre por começar, que se pergunta por seu próprio sentido e escolhas estéticas. Mesmo na cena que simula ficção, há sempre a necessidade de expor

no frescor da hora

a grande farsa, a fábula sob a qual estamos colocados (e que esquecemos tratar-se de invenções humanas) e na qual, acreditando ou não, temos nossas vidas na dependência desse sistema. O que se mantém sem deslocamento, ao fim, é o corpo estendido no chão. Esse poderia ser um fechamento somente trágico (e convenhamos que nosso atual contexto dificulta termos outros imaginários), entretanto lembramos que é teatro, em seu acontecimento de presentificação e teimosia que propõe constantemente brotar possibilidades *em nova vida explodida / mesmo quando é assim pequena / a explosão, como a ocorrida; / como a de há pouco, franzina; / mesmo quando é a explosão de uma vida Severina.*

*trecho final do poema Morte e Vida Severina

*Esse texto contou com a
colaboração da estudante Arielle Barbosa*



isso ainda diz pouco sobre hoje

Giovanna Eça Gonçalves

estudante do 1º ano

Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí

um picho na parede
sonho é destino
sala preta
[re]existir
você se reconhece?
o silêncio
a troca
o som
a palavra
a contação de história
o encontro
o que você vê? o que você viu?

antes de dizer qualquer coisa, é necessário que eu narre e afirme uma conversa que tive alguns dias antes. é uma reflexão que diz que ninguém que passa pelo FETESP, seja como participante, espectador ou produção, permanece a mesma pessoa que era antes, ou até mesmo que é agora. são 10 dias de total imersão, numa experiência única, e o fato de ser meu primeiro festival é surreal. estar aqui faz com que eu me sinta parte dele.

você se reconhece?
eu não me vi, eu procurei
mas não me vi
busquei, procurei em todos os sítios, sites
fiz uma busca extremamente avançada

esse festival tem me atravessado e vem reverberando em mim de diversas formas, especialmente em uma frase: “me sinto rainha e pó no mesmo dia”.

no frescor da hora

participei da oficina da Katia Britto que fala sobre o Corpo Atuado, e nela, ela afirma que o teatro é um encontro, um encontro entre corpos. acredito que mais que teatro, o festival é um encontro, um intercâmbio, uma troca entre grupos de vários lugares de São Paulo, de várias vivências, experiências.

eu honestamente sou incapaz de transcrever em palavras (e mesmo que eu tivesse que usar meu corpo ou qualquer outra forma de expressão) exatamente tudo que a gente viu e sentiu com Estudo N°1 Morte e Vida. acredito que seja um sentimento compartilhado com vários ao meu redor. poderia tentar nomear alguns sentimentos como incômodo, angústia, injustiça e formar uma opinião sobre, mas isso ainda diz pouco sobre a obra.



crônica do dia seguinte

Olhar para germinar o que está em constante devir

Binho Signorelli

*Bruxo do Cosme Velho - Coletivo F22
Escola Livre de Teatro de Santo André*



crônica do dia seguinte

"Fomos produzidos como desvio, como seres vacilantes e aí inventamos a ginga, sapiência do entre, para lançar movimentos no vazio deixado"
Luiz Rufino

Na cidade da música, dia 27 de julho, o cantochão foi entoado no 27º FETESP. Nascentes emergiram das pedras e dos assentamentos. Concretudes. Esfoliação poética. O encontro entre veias-rios na oficina com a mediação do VQV (Vamos que Venimos) Brasil, onde o convite era para que as presenças olhassem para a experiência de estar e ser com as outras (três), possibilitando meios coletivos para a generosidade, responsabilidade e percepções de possíveis leituras e feitura diante de obras processuais, acabadas em si - com muitas aspas - e jogos teatrais. Como trazer a criticidade para o pousar de um trabalho artístico que faz apenas mais uma parada e que segue adiante com outros públicos, texturas e sabores? O exercício era trabalhar a musculatura dos sentidos e elaborações pensantes, através das imagens (vídeo e foto), aguçar para a materialidade das coisas tal como elas se mostram, para depois buscar compreendê-las a partir de prismas referente a jornada de cada uma. Mediação pelo olhar. Olhar para germinar o que está em constante devir. Tecer as poéticas do agora para que o instante que se tornou passado - achegando o futuro - construa relações que friccionem as pequenas esferas para que vivam as primaveras porvir. Se um dia anterior, a Constelação (Pra quê? Grupo de Teatro) trazia a concretude num emaranhado jogo de palavras. A noite com Estudo N°1 Morte e Vida, do Grupo Magiluth, instiga e coloca em conflito quais são as relações que estão sendo aradas nesse solo. Um cantochão que começou antes mesmo de se iniciar na cena, os caminhos se convergem, se atravessam e seguem seus rumos. Águas correntes na travessia, nunca se chega do mesmo jeito que partiu. Águas internas, ansiando pelos avessos que querem desaguar pelas barreiras, se aproveitando das frestas. Águas que possam engolir as aves-balas e afogá-las. Ciclos de repetições que esfumaçam o cronos. Severinos que desnaturalizam o horror das ausências e escassez nas movenças cotidianas. Oferendas de uma herança pro amanhã na feitura do agora, para que a vida tenha a finalidade na vida. Teatro como possibilidade de encontros e todas suas encantarias. Que nossas águas sejam tsunamis para a barbárie e oxalá poesia!

Teatro vivo

Lucas Benedetti Elias

Cia. Entulho de Teatro
Instituto de Ensino Sagrada Família

Ao assistir à apresentação, pude desfrutar de uma peça realmente inspiradora, certa do que estava aspirando nos mostrar. Mesmo sendo em um formato diferenciado, pude enxergar o teatro vivo na minha frente.

Atores e atrizes talentosos que colocam força e veracidade no texto produzido. Um roteiro bem escrito, profundo, cheio de metáforas e linguagens que transmitem as mensagens proporcionadas.

Com uma montagem bem realizada, a composição audiovisual deu forças e ritmo ao espetáculo, proporcionando assim uma peça muito chistosa e agradável de ser acompanhada. Além de figurinos e cenários que nos transportam ao tempo retratado, as músicas e percussão representaram perfeitamente o que é o Brasil, sendo responsáveis por darem à peça a boa cadência que possui.

O grupo soube trabalhar Machado de Assis, sendo muito bem aproveitadas as obras e vivências do autor, suas dificuldades e realidade quanto a um escritor negro brasileiro.

Uma experiência diferente de tudo que vi nesses últimos anos. Nem um pouco cansativa, tampouco entediante. Uma obra demasiada interessante, que sabe o que quer mostrar e o faz de forma excepcional.

Viagem no tempo com a Cia. Entulho e o grupo Pra quê?

Ana Laura Alvarez
Unifesp

Quantos anos de mim cabem em uma só noite?

Na pequenina e aconchegante sala de ensaio em que a Cia. Entulho realiza sua estreia pude, por ao menos algumas curtas horas, voltar no tempo. Me lembro da Ana Laura de 15 anos que, junto ao grupo de Teatro recém-formado, levava um trabalho teatral, pela primeira vez, para um certo festival muito querido por aqui: o Vamos que Venimos. O nervosismo diante de um público desconhecido, de um espaço nunca antes pisado, de cenários inéditos e terrenos inexplorados, todos intensificados pelo calor de se ser adolescente.

Essa fase que não volta pro corpo e não volta pro agora, onde a vontade de gritar aos 4 cantos do mundo o que se sente predomina no peito, de algum modo, regressou um pouquinho pra dentro de mim. Assistir a um elenco tão jovem com tanto desejo de estar ali, correndo, marchando, batucando, gritando, em coro, em cena, em sala, em nós. Uma saudade gostosa de versões menores de mim e uma vontade de abraçar a juventude testemunhada na tarde do dia 26, é o que ficou do que vi nos rostinhos talentosos e emocionados da Cia. Entulho.

Ironicamente, pude imergir em outro estágio de mim, quase viajando no tempo, através das Constelações propostas pelo grupo de teatro "Pra quê?".

ainda reverbera

Como estudante de Letras, afirmo, com veemência: o trabalho proposto se concretiza como um presente à Literatura Brasileira. Propõe, de maneira incomum, saindo do ambiente acadêmico pro Teatral, soluções. Como trazer para o oral poemas tipicamente visuais? A poesia concreta, sempre deixada de lado quando o assunto é o falar, o recitar, o contar, e não somente o ver, é abraçada. O difícil é posto de maneira fácil e confortável de se ver.

Confortável. Conforto, na verdade, é uma boa palavra pra descrever o que senti assistindo a ambos. Conforto.

O que pode um corpo?

Arielle Barbosa

*Estudante do 1º ano
Artes Cênicas do Conservatório de Tatui*

É certo que a realidade possui alguns prismas e muitas interpretações. Porém, ao mesmo tempo em que é modular ela é também um dado concreto, de onde partimos para qualquer desenvolvimento, pessoal ou coletivo.

Sob o sol penetrante do meio-dia, encaramos cada qual nossa própria realidade: a percepção da concretude do lugar que ocupamos nas esferas sociais e contextos políticos e, ainda, aquilo que dizem que somos de acordo com essas posições.

A vida material e concreta faz com que lidemos com nossa própria finitude e limitação. Por isso, torna-se insuportável para aquele que traz em seu interno a força da inventividade.

A arte dentro dessa perspectiva - independente da linguagem - não é um lugar de brilhantismo, protagonismo e aplausos afirmativos do "ser especial". São lugares onde meu ser criativo ganha espaço no tecer coletivo, em relação a ele e por ele.

"Me contento em ser poesia" parece propor uma contradição existencial: o de se contentar reconhecendo seus limites, sendo aquilo que também se é: um ser que se inventa. E essa contradição não é pessoal, é luta cotidiana pela sobrevivência. É como comer e dormir: a possibilidade de sonhar.

Me contento em ser poesia não é uma abstração alienada das limitações humanas que nos sufocam. As atrizes as reconhecem, afirmando sobre nosso condicionamento um espaço de repouso e contato com o sensível.

ainda reverbera

A palavra é seu veículo poético. Ali, ela se desenha.

Isso me faz pensar que o desafio da poesia não é ser palavra. O desafio da poesia é também ser corpo.

De que forma meu corpo pode ser poesia?

Quando e como eu encontro espaços poéticos em minha respiração, em meus movimentos, em minha voz e no encontro com o público?

Isso é limitar a poesia-palavra?

É possível ao corpo subverter seus limites sem violência, dramaticidade ou sem ser mera representação da palavra?

O que pode um corpo?

Expediente

Coordenador editorial

Antonio Salvador

Arte gráfica

Luiza Lorenzetti

Produção editorial

João Fabbro

Revisão de textos

Thiago Leite

João Fabbro

Textos

Tadeu Renato

Giovanna Eça Gonçalves

Binho Signorelli

Lucas Benedetti Elias

Ana Laura Alvarez

Arielle Barbosa

Colaboradores(as)

Arielle Barbosa [bolsista estagiária em Produção Cênica]

Camila Barbagallo

Camila Alomba

Fotógrafo

João Maria

Leia também a [Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí](#)

**Esta publicação foi atualizada em 28/07 às 11h02*